

A NATUREZA EXTRAORDINÁRIA DA MENTE COMUM*

Joy Mills (Austrália)

Onze séculos atrás, o sábio chinês Huang Po foi perguntado sobre a natureza do Buda. Ele respondeu: “O Buda é a mente comum”. No segundo capítulo do *Bhagavad Gita*, Arjuna questiona Sri Krishna: “Qual é a marca daquele que possui uma mente estável”? Arjuna, como indivíduo comum, deparado com um sério problema, está ávido para saber como uma tal pessoa, o *yogue*, o sábio, fala e senta-se, caminha e come, e conduz todas as atividades normais da vida diária. A resposta de Sri Krishna é um pouco mais detalhada do que a de Huang Po: “Quando um homem abandonou todos os desejos do coração e está satisfeito no EU pelo EU, então ele é chamado aquele que tem mente estável. Aquele cuja mente está livre da ansiedade em meio às dores, indiferente em meio aos prazeres, livre da paixão, do medo e da raiva, é chamado um sábio de mente estável. “Seguramente, de uma tal pessoa, o “sábio de mente estável”, pode-se dizer que ele tem a natureza de um Buda.

Enquanto que muitos estudantes têm denegrido a mente, citando a bem conhecida passagem em *A Voz do Silêncio* “A mente é o grande assassino do real”, poucos aperceberam-se dos muitos aspectos da mente referidos naquele belo clássico teosófico. É verdade que, logo no início do texto de H.P.B., somos avisados a “buscar o *raja* dos sentidos, o produtor de pensamentos, aquele que desperta a ilusão”. Mais tarde, entretanto, no Terceiro Fragmento da *Voz*, lemos: “Tens de alcançar aquela fixidez mental em que nenhuma brisa, embora forte, possa insuflar-lhe no interior qualquer pensamento terreno”. E sobre aquele que trilha a Senda dos Bodhisattvas, como definida em *A Voz do Silêncio*, nos é dito: “Ele se ergue agora qual uma coluna branca no Ocidente, sobre cuja face o nascente sol do pensamento eterno verte suas primeiras e mais gloriosas ondas. Sua mente, como um oceano calmo e ilimitado, estende-se no espaço sem praias. Ele detém a vida e a morte em sua potente mão.

O Buda... a mente comum... o sábio de mente estável... o “produtor de pensamentos”, “Assassino do Real”, uma “fixidez mental”. O que, na verdade, é a mente? Onde, em todas estas descrições, está a própria mente? E a mente comum? De onde ela surge e qual é sua natureza essencial? Podemos viver sem a mente? A mente e o coração são opostos tais que se deve escolher entre ser insensato ou sem coração? Devemos cessar de pensar porque o próprio pensamento pode nos prender na ilusão? Estas são algumas das perguntas que devem ser levantadas à medida que procuramos compreender a natureza da “mente sábia”, da mente iluminada, da mente que é Buda, da mente do verdadeiro *yogue*, o sábio, o Mestre de Sabedoria.

A mente comum deve ser a mente em sua condição original. Talvez ela seja a mente original em si mesma. Com certeza é a mente que está estabelecida na ordem, que surge daquela ordem essencial, intrínseca a todos os processos universais, pois a visão teosófica propõe que a consciência é algo primordial. É a mente, então, cuja própria natureza é beleza e harmonia. É a mente purificada de todos os impedimentos, todas as obstruções, tudo o que poderia obscurecer a clara visão, aquilo que H.P.B. chamou de “uma contemplação direta” do número que subjaz a todos os fenômenos. Se “o Buda é a mente comum”, como o sábio chinês informou ao seu interlocutor, por conseguinte a mente comum deve ser a mente que está desperta, que é sábia, que está estabelecida em um verdadeiro conhecer.

Em virtude de termos, por muito tempo, particularmente no mundo ocidental, identificado a mente comum com os aspectos analítico, científico e lógico do pensar, falhamos em conhecer o potencial pleno da mente e sua impressionante natureza extraordinária. Dividindo a mente em duas partes, menosprezamos a que foi chamada de “inferior”, atribuindo valor apenas àquele aspecto que

chamamos de “superior”. Entretanto, inferior e superior não são localidades espaciais. Ao invés disso descrevem funções de um único princípio, *manas*, a mente, o princípio cognitivo, e nenhum dos termos – inferior ou superior – deveria ser usado em qualquer sentido pejorativo.

Em seu livro *Life's Deeper Aspects*, o Sr. N. Sri Ram faz alguns comentários muito úteis, que são diretamente relevantes para a nossa presente investigação. Ao fazer a pergunta “é o homem, então, a sua mente, e, neste caso, qual a natureza desta mente?” o Sr. Sri Ram sugere:

“É óbvio que a mente é uma energia que a cada ponto de sua ação exhibe consciência com todas as suas capacidades implícitas em um grau ou outro. No processo do pensar, esta energia move-se tão rapidamente, mudando de direção tão prontamente, é tão sensível e influenciada por cada circunstância e fator, que desenvolve uma extraordinária complexidade na maneira em que opera...”

Depois, ao propor que “a consciência, em sua natureza essencial, é a própria sensibilidade”, ele acrescenta que “a consciência modificada, como a encontramos em nós mesmos, pode ter graus variáveis de sensibilidade”. Além do mais, como afirma o Sr. Sri Ram, não há distinção a ser feita entre ser sensível a uma coisa ou outra. Em outras palavras, pode-se dizer que, quando somos sensíveis ao mundo objetivo, àquele mundo que jaz fora de nós e à nossa volta – o mundo que podemos examinar e medir de acordo com algum padrão externo –, estamos usando aquele aspecto da mente que foi chamado de “inferior”. É a mente voltada para fora, para o mundo da matéria, das coisas e dos objetos que parecem ser distintos de nós, o mundo no qual vivemos nossas vidas diárias.

Há verdadeiramente uma qualidade extraordinária na mente quando está voltada para fora a fim de buscar o conhecimento do mundo das coisas existentes, uma vez que uma tal mente pode tornar-se extraordinariamente sensível à beleza, quer seja esta beleza percebida na face do outro, na forma de uma grande obra de arte ou na harmonia primorosa de uma equação matemática. A sensibilidade da mente de um grande cientista, que explora as maravilhas do Cosmos, encontra sua contraparte na sensibilidade do grande artista que percebe no mundo ao seu redor as maravilhas da forma e da cor. É verdade que, uma tal mente, absorvida no mundo das coisas, pode tornar-se obscurecida por aquilo que Patañjali, o grande expoente da *Yoga*, chamou de *kleshas*, as aflições psicológicas que lançam sombras na mente, distorcendo a visão, reduzindo, portanto, a sensibilidade. Dentre essas aflições, as mais perigosas, as que produzem as maiores distorções da verdadeira visão são o egoísmo e o desejo pelo eu pessoal, que conduz ao apego e a todos os seus problemas concomitantes. Daí o propósito da *Yoga*: trazer a mente à sua natureza original pela cessação das modificações do princípio pensante. Para isso se deve, como alerta o livro *A Voz do Silêncio*, “buscar o *raja* dos sentidos, o produtor de pensamentos, aquele que desperta a ilusão. “Citando a *Voz* mais uma vez: “Não deixarás teus sentidos fazerem um parque de diversões de tua mente”.

Assim, quando o aspecto da mente que está voltado para fora é purificado de todos os apegos e repulsões pessoais, livre do desejo para o eu pessoal, quando pode ver o mundo ao nosso redor sem distorção, perceber sua delicada beleza e maravilha, a mente exhibe uma qualidade extraordinária. Igualmente extraordinária é a qualidade da mente que pode ser chamada de subjetiva, a mente voltada para dentro, para o reino do numênico, que subjaz ao fenomênico, o reino dos arquétipos, da realidade espiritual. Num tal movimento interior, há, como disse o Sr. Sri Ram, “a possibilidade de se conhecer tudo o que existe, responder a isso e experimentá-lo”. E o Sr. Sri Ram acrescentou: “Embora não conheçamos esta possibilidade como um fato, ela é contudo uma idéia iluminativa, lógica e que satisfaz nosso sentido do que é próprio e pleno”. Mesmo ao se aproximar desta possibilidade, através da mente voltada para o interior, começamos a reconhecer os grandes poderes criativos da mente, a faculdade construtora de imagens, que chamamos de imaginação, e as faculdades de inspiração e

Sabedoria discernidoras. Aqui também tocamos na espantosa qualidade do amor ou compaixão, que é uma reflexão direta do Supremo Espírito Uno, a única Energia Criativa no Universo. E esta energia primordial não é apenas amor, é pensamento, ideação, a efusão da Mente Universal.

H.P.B. referiu-se aos dois aspectos da função da mente em muitos de seus escritos. Discutindo a “Natureza do Princípio Pensante” em *A Chave para a Teosofia*¹ ela escreveu:

“... a chave está na consciência dupla de nossa mente, e também na natureza dual do ‘princípio’ mental. Há uma consciência espiritual, a mente *manásica* iluminada pela luz de *Buddhi*, aquela que percebe abstrações subjetivamente; e a consciência senciente (a luz *manásica* inferior), inseparável de nosso cérebro e sentidos físicos.”

Que a mente é essencial ao nosso estado humano, é muito claro em *A Doutrina Secreta*:

“Os dois princípios superiores não podem ter individualidade sobre a Terra, não podem tornar-se homem a menos que haja... a Mente, o *Manas-Ego*, para tornar-se consciente de si mesmo...”

Além disso, deve haver o que H.P.B. chamou de “o corpo dos desejos egoístas e a Vontade pessoal”, mesmo que embora seja desse “corpo” que surjam as aflições psicológicas que obscurecem ou contaminam a mente. Para completar o quadro, H.P.B. indicou que são estes dois princípios, o Quinto (*Manas*) e o Quarto (*Kama*) que “cimentam o todo, como em torno de um eixo... para a forma física do homem”.

Considerando ainda mais o quinto princípio, *Manas*, devemos prestar atenção à sua singularidade, pois é a própria singularidade de sua origem que empresta à mente sua natureza verdadeiramente extraordinária. Duas citações de H.P.B. auxiliar-nos-ão a compreender este assunto. A primeira, de *A Chave para a Teosofia*, novamente da seção que discorre sobre a “Natureza do Princípio Pensante”:

“*Manas* é um “princípio”, e, no entanto, é uma “entidade” e uma individualidade ou *Ego*.”

Elaborando sobre este ponto, ela indicou que esta “entidade” encarnou-se na humanidade nascente num certo estágio de desenvolvimento para despertar *Manas* à plena atividade. Esta “entidade” é “chamada em sua pluralidade *Manasa-putras*, ‘os Filhos da Mente (Universal)...” Segue-se, então uma afirmação muito significativa.

“... uma vez aprisionados ou encarnados, sua essência toma-se dual: o que significa dizer que os *raios* da Mente divina eterna, considerados como entidades individuais, assumem um duplo atributo que é (a) sua característica *essencial*, a mente que aspira aos céus... e (b) a qualidade humana do pensar ou a cogitação animal... *Manas* inferior, que tende para *Kama*.”

Quando H.P.B. escreveu a *Chave*, esta descrição de *Manas* como uma “entidade” já tinha sido explicada com algum detalhe em *A Doutrina Secreta*. Todo o assunto da descida dos *Manasa-putras* merece estudo detido, se quisermos compreender plenamente as implicações do ensinamento que nos

¹ Editora Teosófica, 1ª Ed. 1991. (N.E.)

foi dado relativamente ao Quinto princípio ou *Manas*. É suficiente para nossos propósitos presentes citar apenas uma passagem de *A Doutrina Secreta*:

“Entre o homem e o animal - cujas Mônadas (ou Jivas) são fundamentalmente idênticas – há o abismo intransponível da Mentalidade e Autoconsciência. O que é a mente humana em seu aspecto superior, de onde ela vem, se não é, ela mesma, uma porção da essência – e, em alguns raros casos de encarnação, a própria essência – de um Ser superior; um Ser de um plano superior ou divino? ...o homem é um animal como também um deus vivo dentro de sua concha física”.

O relacionamento entre aqueles a quem H.P.B. chamou de os *Manasa-putras*, aquelas grandes inteligências, que despertaram a centelha de *Manas* dentro das formas humanas em gradual desenvolvimento num estágio inicial de evolução, e nós mesmos é um estudo fascinante, embora difícil e abstruso. Até mesmo as poucas referências citadas acima deveriam nos indicar a natureza extraordinária da mente, a mente em sua condição comum ou original. *Manas* é, na verdade, “espírito corporificado”, para usar uma das designações que H.P.B. lhe dá; é um deus habitando o interior da forma externa de nossa existência, e fornece-nos o acesso à Realidade Suprema que é a Consciência Universal, pois estamos enraizados na consciência, *Mahat*, a Mente Universal, como o está, na verdade, toda a existência. Em nós, no ser humano, esta consciência está desabrochando em plena Autoconsciência. Em nós, portanto, estão todos os poderes, toda a beleza, Sabedoria e esplendor da consciência auto-reflexiva.

Naquele profundo e belo texto do Shaivismo de Kashmir, os *Shiva Sutras*, que o Dr. Jaideva Singh chamou de a “*Yoga da Suprema Identidade*”, há um aforismo simples, mas altamente significativo, *Cittam mantrah*. O Dr. Singh traduziu-o como “a mente é mantra”, observando que “pela percepção intensiva de nossa identidade como a Realidade Suprema oculta em um mantra, e tornando-se, assim, idêntica àquela Realidade, a própria mente torna-se mantra”. Esta mente que é, ou torna-se mantra, deve ser o aspecto da mente voltado para dentro, que aspira aos céus, ou a mente que é, como diz um comentário, “uma palpitação ou pulsação da pura Consciência”. (Ver *Looking in, Seeing Out*, de Menas Kafatos e Thalia Kafatou). De acordo com o Dr. Singh, o termo “mantra” no contexto do aforismo nos *Shiva Sutras* é mais do que uma combinação particular de letras ou uma fórmula sagrada. É, sugere ele, “o coração-semente de Shiva” ou o Supremo, acrescentando que “aquele que puder entrar no espírito deste mantra identificar-se-á com a Suprema consciência do Eu e libertar-se-á”. Ao mesmo tempo, como assinala o Dr. I.K. Taimni em seu comentário ao mesmo aforismo (ver *Shiva Sutras - Realidade e Realização Últimas*), a palavra “mantra” significa basicamente “som”, mas em seu mais amplo sentido de “qualquer vibração ou movimento”; elaborando sobre a idéia de que os “estados diferenciados da mente nada são senão mantras” porque são compostos de diferentes “vibrações”, o Dr. Taimni propõe que uma vez que os pensamentos e as idéias são essencialmente movimentos na consciência, podemos considerar “o Universo manifestado de um ponto de vista mais profundo... como um oceano de pensamentos e idéias em seu lado subjetivo, e um fluxo de movimentos e vibrações no lado objetivo”.

Agora, colocando estes conceitos juntos – de que *Manas* ou mente é verdadeiramente um “deus vivo”, um “espírito corporificado”, e é também mantra ou vibração – podemos começar a explorar ainda mais algo da extraordinária natureza da mente. Até mesmo a mente comum, a mente ou consciência em seu estado original, possui extraordinárias capacidades. Preeminente entre essas capacidades deve ser o poder de criar, de produzir imagens que corporificam os grandes padrões arquetípicos na Mente Universal. (Observem a resposta de H.P.B. a uma pergunta, tal como registrada em *Transactions of the Blavatsky Lodge*: “O único Grande Arquiteto do Universo é *Mahat*, a Mente Universal”). Como estamos enraizados na Mente Universal ou *Mahat*, devemos possuir, ou ao menos

refletir, aquelas faculdades inerentes àquela Fonte que H.P.B. chamou de o “Grande Arquiteto”. Nós, por nossa vez, podemos nos tornar criadores de formas a partir dos modelos existentes na Mente Universal. A este poder inerente e, contudo extraordinário, podemos chamar de imaginação espiritual. É o poder que nos torna co-criadores com o universal, pois vivemos verdadeiramente num Universo partícipe, como muitos cientistas proeminentes hoje estão sugerindo.

Enquanto a Ciência, em uma grande medida, fez das funções da lógica, analítica e matemática da mente comum, a base de todo o conhecimento, podemos agora reconhecer a necessidade de combinar estas funções com os aspectos mais profundos, mais abrangentes e criativos da consciência que surgem e fluem da mente interiormente iluminada pela energia de *buddhi*, a percepção intuitiva, a Sabedoria discernidora, a compreensão compassiva. Somente através do despertar de uma genuína imaginação espiritual é que podemos descobrir que a libertação do espírito humano pode ser alcançada. Isso não é anticiência, pois a função da Ciência, em termos de sua metodologia essencial, é testar a imaginação, como todo genuíno cientista sabe. E a libertação do espírito humano é possível tanto através daquela ciência que está aberta à percepção ou imaginação intuitiva como também através do salto do modo de pensamento analítico e lógico para o modo criativo e simbólico. O fluxo de energia pode e deve ser tanto de baixo para cima como de cima para baixo.

O que pode ser proposto, então, é que é necessário haver, em primeiro lugar, o reconhecimento de que *Manas*, a mente ou consciência cognitiva, é um deus dentro de nós e, em segundo lugar, de que possui, portanto, capacidades extraordinárias, mas sempre presentes e acessíveis à mente comum, à mente ordenada e original. Estas são capacidades que não somente dão sentido e propósito à existência, mas também nos atraem em direção ao futuro. Há mais de um século atrás, o filósofo americano Ralph Waldo Emerson disse: “O que jaz diante de nós e o que jaz atrás de nós é uma questão muito pequena se comparado com o que jaz dentro de nós”. Ao que seu colega Henry David Thoreau acrescentou: “Quando temos acesso aos poderes extraordinários da mente comum, aquela mente que é um “deus vivo” e que é mantra, realmente realizamos milagres, pois reconstruímos tanto a nós mesmos quanto ao mundo. Esta é a genuína reforma que é necessária hoje.

Bem que podemos perguntar: qual é a natureza do ato de pensamento quando, num momento brilhante, há uma súbita mudança de atenção, um alcance concomitante de novas compreensões e uma idéia nasce? Qual é a natureza daquele ato através do qual subitamente vemos um novo aspecto da vida, percebemos um significado que é muito mais completo e inteiro do que qualquer percepção que tivemos antes? O salto súbito e preciso da mente, através de todas as barreiras e para novos campos de conhecimento e compreensão, é talvez melhor descrito como um “lampejo de percepção”. É o momento de tornar-se plenamente cômico, o momento descrito de forma tão bela por Arjuna, quando ele disse: “Destruída está minha ilusão, obtive o conhecimento ...sou firme, minhas dúvidas desapareceram”. Num tal momento, a percepção interna pode ser traduzida como “visão externa”, quer dizer, em ação no mundo.

Quando o Terceiro Objetivo de nossa Sociedade dirige nossa atenção para uma investigação das leis ainda inexplicadas da Natureza e seus poderes correspondentes latentes em todo indivíduo, eu sugeriria que um aspecto a ser explorado fosse o daquelas capacidades de *Manas*, da mente e da consciência, que levam ao despertar de um novo modo de percepção e, conseqüentemente, a um novo modo de ação no mundo. Estamos falando não de percepção psíquica, como ela é usualmente compreendida – embora de um ponto de vista psicológico ela possa ser a percepção total da psique quando iluminada pela luz de *buddhi*, movida por aquela energia que é Sabedoria compassiva –, mas da percepção da consciência espiritualmente iluminada, à qual H.P.B. deu a designação de *manas-taijasa*, a mente radiante ou resplandecente.

Escrevendo sobre a Teosofia em si, H.P.B. uma vez mencionou que ela despertava em nós um “contemplar direto”. Mas, como o Mahatma R.H. escreveu a A.P. Sinnett, “a iluminação deve vir de dentro”. E em outra das Cartas dos Mahatmas ao Sr. Sinnett, o Mahatma M. escreveu: “É com zeloso cuidado que temos de guardar nosso plano mental de todas as adversas influências que surgem diariamente em nossa passagem através da vida... É sobre a serena e plácida superfície da mente tranqüila que as visões recolhidas no invisível encontram uma representação no mundo visível...” Certamente a “mente tranqüila” é a mente comum no sentido de ser a mente original, a mente em seu estado normal ou ordenado, sem qualquer confusão ou obscuridade nublando sua condição natural. Numa tal mente está presente, como expressou o Mahatma K.H., “uma percepção instantânea e implícita em cada verdade básica”.

Surge agora a questão de como despertar este modo imaginativo de pensamento, um modo muito frequentemente negligenciado e até mesmo excluído de qualquer consideração da mente. Contudo, é somente quando nutrimos o modo imaginativo, intuitivo, simbólico, o modo da síntese conceitual, que chegamos a compreender o potencial pleno da mente e sua natureza extraordinária. Pois é o modo imaginativo de pensamento que auxilia a despertar a verdadeira percepção e compreensão. Enquanto é o aspecto da mente, voltado para o exterior, que pode muito facilmente tornar-se prisioneiro das energias do desejo e da paixão e até mesmo criar instrumentos de destruição bem como formas de grande beleza, é o aspecto mais profundo da mente, a iluminada desde o interior e responsiva à luz de *buddhi* que dá surgimento à ação ética; pois o ato que caracterizará nossa conduta total surgirá natural e espontaneamente da visão que adotarmos. Quando esta visão é de totalidade, de unidade, agiremos concomitantemente para o benefício de toda a humanidade.

Parece haver uma concordância geral nas tradições espirituais em relação aos dois fundamentos básicos necessários para despertar o modo intuitivo ou imaginativo de consciência: esforço consciente e intensa concentração ou persistência. Quando a mente é mantida firme, focalizada, então, o súbito e inesperado lampejo de iluminação, marcado por um sentimento de certeza, pode ocorrer. Este é o salto para um novo estado de consciência, no qual o seu “eu” pessoal e seus apegos desaparecem. Mas a mente necessita ser equipada com materiais com os quais possa dar o salto, pois a imaginação não pode florescer num vácuo. O lampejo de iluminação interior é favorecido por um domínio disciplinado e uma intensa preocupação com os princípios fundamentais que provêm o estímulo necessário para precipitar a nova visão.

Na verdade, a imaginação – a imaginação espiritual – é o instrumento universal e indispensável de todos os níveis de vida em nosso mundo. Nossas vidas diárias são dependentes dela, pois durante todo o dia imaginamos o nosso caminho de uma atividade para outra, de um lugar para outro, visualizando cursos de ação alternativos bem como conseqüências alternativas. Na realidade, pode ser sugerido que a principal função da imaginação é capacitar o ser humano a construir constantemente modelos mentais do mundo real. Através do pensamento, criamos a realidade virtual na qual vivemos, e quando o pensamento é desembaralhado, livre, não agrilhado pelo desejo e o egoísmo, a realidade virtual que criamos está mais próxima da única realidade verdadeira da qual toda existência emergiu.

M.C. Richards, em sua obra *Toward Wholeness*, expressou as implicações de uma imaginação verdadeiramente espiritual e criativa. Ela escreveu:

“A renovação da sociedade virá quando pudermos imaginá-la diferente e quando estivermos prontos, como os artistas, para assumir o trabalho efetivo de criar formas novas.”

Mas não somos chamados à criatividade simplesmente, mas sim a uma criatividade que esteja a serviço da compaixão, pois a compaixão é a meta da jornada espiritual, como está claramente destacado em *A Voz do Silêncio*:

“Sabe que a torrente de conhecimentos super-humanos e Sabedoria dos Devas, que ganhaste, deve, de ti, o canal de *Aláya*, ser derramada em outro leito... se quiseres seguir os passos de teu predecessor, permanece altruísta até o interminável fim.”

Quando promovemos a imaginação ao posto de agente criativo fundamental da mente humana em seu funcionamento mais elevado, podemos, cunhando uma palavra, “nirvanizar” o mundo. Isso significa que reconhecemos que, debaixo do tumulto externo e dos numerosos problemas que afligem nosso mundo, há uma realidade mais profunda com a qual podemos nos alinhar e à qual podemos ajudar a manifestar-se. Como William Blake, o grande poeta e místico inglês, uma vez escreveu: “Se as portas da percepção forem purificadas, todas as coisas aparecerão como realmente são, infinitas”. Toca a nós “purificar as portas da percepção”, através da meditação, da concentração e da atenção persistente naquilo que conhecemos ser mais elevado. Esta é a tarefa supremamente humana; vermos as coisas como elas realmente são, livrarmo-nos das ilusões produzidas por motivos egoístas, erguermo-nos para fora do mundo falso da hipocrisia e da lamúria, tornarmos retos nossos valores e, através do despertar do potencial criativo dentro de nós, produzirmos uma nova visão de mundo na qual a Paz e a Fraternidade sejam as normas da existência.

Foi sugerido que a imaginação pode pôr ordem no caos da experiência sensorial, pois ela pode perceber um significado mais profundo nos eventos diários e nos despertar para a necessidade de uma genuína moralidade, uma moralidade ecológica, que é a ética do espírito. Uma vida vivida dentro do espectro da imaginação espiritual evita os extremos para desgastar-se numa sensualidade irrestrita ou nas inúteis atitudes melodramáticas de um espiritualismo confuso. A mente não é mais impelida pelo desejo de fins pessoais nem atraída por experiências místicas. Ela é a mente estável, a mente cristalina, refletindo a luz da Sabedoria, a mente que, através do exercício de sua natureza extraordinária, pode visualizar e, portanto, trazer à existência a sociedade nobre com a qual sonhamos.

Quando reconhecemos o papel da mente e suas vastas possibilidades – a mente como Buda, a mente como mantra, a mente como aquele princípio em nós que é um “deus vivo” e que ao mesmo tempo define nosso estado humano –, começamos a perceber que a função da imaginação é tornar palpável o fato de que a matéria, em seu aspecto subjetivo, é espírito, enquanto que o espírito, considerado objetivamente, é o mundo material. Isso equivale a dizer que o mundo das coisas (*samsara*) é o nirvana, e o nirvana é o *samsara*. Tudo depende de nosso ponto de vista. A compreensão disso muda nossa visão total, e, com uma mudança de percepção, a nossa conduta, os nossos modos de ação no mundo, mudam completamente.

De acordo com o Dr. Carl Jung, as imagens são os pressupostos básicos de toda vida psíquica e o modo privilegiado de acesso ao conhecimento do Eu interior. A imaginação, portanto, subjaz a todos os processos perceptivos e cognitivos. Na realidade, de um ponto de vista epistemológico, as imagens são a única realidade que apreendemos diretamente: tudo o que conhecemos é transmitido por imagens, pois as imagens são os fatos fundamentais da existência humana. É do material das imagens que criamos nosso mundo, da mesma forma que nós próprios fomos “imaginados” no tempo e no espaço a partir do “material” da Mente Universal. Ao nutrirmos nossa imaginação espiritual, evocando nossos próprios poderes deíficos de criatividade, podemos, pela força da imaginação, trazer à existência uma sociedade mais nobre e mais bela.

Assim a mente comum revela sua natureza extraordinária. É a mente iluminada desde o interior, a mente desperta para a percepção da Realidade Una habitando em todas as coisas. É a mente incandescente com a refulgência do Eu Espiritual. É a mente, portanto, que é una com o coração ao buscar servir a todos os seres. A nossa tarefa, podemos dizer, é transformar *kama-manas* em *buddhi-manas*, a mente impelida pelo desejo na mente iluminada pelo amor. Nesta transformação, liberamos os potenciais do “deus vivo” dentro de nós: compaixão e ternura, humildade e gentileza, paciência e infinita preocupação pelo bem-estar de todos. E nesta transformação teremos obedecido ao conselho do Buda, “produzir amor em nossa mente”, um amor que sabe que não há um outro, pois somente há o Uno sempre lembrando a Si mesmo, à medida que Se revela a Si mesmo nas formas inumeráveis.

*Palestra proferida no VIII Congresso Mundial da Sociedade Teosófica, que ocorreu de 24 a 31 de julho de 1993, em Brasília, Brasil.

Publicada na coletânea Rumo a uma mente sábia e uma sociedade nobre.

Editora Teosófica. Brasil.

The extraordinary nature of the ordinary mind

*Lecture given at the VIII *World Congress of the Theosophical Society*, which took place from July 24 to 31, 1993, in Brasilia, Brazil.

Published in the collection *Towards a wise mind and a noble society*. TPH, Brazil.